

Karen Niccoli Ramirez
Henrique Lindenberg
Neto

*d*e IGREJA DE TAIPA A CATEDRAL: ASPECTOS HISTÓRICOS e ARQUITETÔNICOS DA IGREJA MATRIZ DA CIDADE DE SÃO PAULO

RESUMO

São Paulo de Piratininga, assim como o Brasil, surgiu sob o símbolo da cruz. Nas primeiras décadas de 1500, havia poucos lugares que oferecessem tanta fartura, como a região habitada pelos índios tupiniquins, que a intitularam de Campos de Piratininga, que significa “peixes secos”. O ponto referencial das antigas povoações católicas era a igreja matriz, da qual se constituía a nova cidade.

Inaugurada aos 25 de janeiro de 1954, por ocasião do IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo, a Catedral da Sé, construída essencialmente em estilo gótico, é um símbolo histórico, religioso e social. Sua Arquitetura abriga as crenças de um povo, e sua praça é palco de manifestações populares.

A verticalidade e a iluminação fornecida por seus vitrais coloridos, anseios típicos das estruturas góticas, buscam a atmosfera de elevação aos céus. Este estilo é somente quebrado pela presença de um elemento estrutural incomum em edificações com esta Arquitetura: uma cúpula renascentista. Em 1934, a Praça da Sé tornou-se o marco zero da cidade. Na década de 70, recebeu a estação do Metrô. Na Sé, monumentos, como a estátua do Padre Anchieta, estão presentes. É também ponto de encontro de desempregados. E, bem em frente a este logradouro público, está a Catedral da Sé, construída junto à Praça João Mendes.

Este artigo visa apresentar alguns aspectos históricos e arquitetônicos que levaram à obra da atual igreja matriz da cidade: a Catedral de São Paulo. São apresentadas as edificações anteriores e ressaltadas as motivações de sua construção, sobretudo arquitetônicas, de modo a auxiliar no enriquecimento da história da cidade de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE

Catedral da Sé de São Paulo. Igreja matriz. História de São Paulo. Arquitetura neogótica. Estruturas antigas. Cúpulas renascentistas. Edifícios religiosos.

DE IGLESIA DE TAPIAL A CATEDRAL:
ASPECTOS HISTÓRICOS E
ARQUITECTÓNICOS DE LA IGLESIA
MATRIZ DA CIUDADE DE SÃO PAULO

RESUMEN

São Paulo de Piratininga, así como Brasil, surgió bajo el símbolo de la cruz. En las primeras décadas del 1500, había pocos hogares que ofreciesen tanta riqueza como la región habitada por los indios *tupiniquins*, que la llamaran de Campos de *Piratininga*, que significa “pescados secos”. El punto referencial de las antiguas poblaciones católicas era la iglesia matriz, de la cual se constituía la nueva ciudad.

Inaugurada el 25 de enero de 1954, durante el IV Centenario de la fundación da ciudad de São Paulo, la Catedral da Sé, construida sobre todo en estilo gótico, es un símbolo histórico, religioso y social. Su arquitectura alberga las creencias de un pueblo e su plaza es el escenario de manifestaciones populares.

La verticalidad y la iluminación proporcionada por sus vitrales coloridos, característicos de las estructuras góticas, buscan la atmósfera celestial. Este estilo solo se rompe por la presencia de un elemento estructural no común en edificios con esta arquitectura: una cúpula renacentista.

En 1934, la Plaza da Sé se ha convertido en el punto cero da ciudad. En los años 70, recibió la estación de metro. En Sé, monumentos, como la estatua del Padre Anchieta, están presentes. También es punto de encuentro para los desempleados. Y justo delante dese espacio público, se encuentra la Catedral da Sé, construida junto a la Plaza João Mendes.

Este artículo presenta algunos aspectos históricos y arquitectónicos que resultaron en la actual iglesia matriz de la ciudad: la Catedral de São Paulo. Son presentados los edificios anteriores y se resaltan las motivaciones de su construcción, sobre todo arquitectónicas, con el fin de contribuir para el enriquecimiento de la historia de la ciudad de São Paulo.

PALABRAS CLAVE

Catedral da Sé de São Paulo. Iglesia matriz. Historia de São Paulo, Arquitectura neogótica. Estructuras antigua. Cúpulas renacentistas. Edificios religiosos.

FROM CHURCH OF RAMMED EARTH TO
CATHEDRAL: HISTORICAL AND
ARCHITECTONIC ASPECTS OF THE
MOTHER CHURCH OF SÃO PAULO

ABSTRACT

São Paulo of *Piratininga*, as Brazil, was born under the symbol of the cross. During the first decades of the 1500s, there were few places that offered so much abundance as the region inhabited by the *tupiniquim* indians, called Fields of *Piratininga*, which means “dried fishes”. The reference point of the oldest catholic settlements was the mother church, from which the new cities emerged.

Inaugurated on January 25th 1954, at the fourth centenary of the foundation of the city of São Paulo, the Cathedral of Sé, built predominantly in gothic style, is a historical, religious and social symbol. Its architecture holds the beliefs of the people and the square in front of it is the scene of popular demonstrations.

The verticality and the light provided by its colorful glass windows, typical features of gothic structures, seek to create an atmosphere of ascension towards heaven. This style is only broken by the presence of an unusual structural element in buildings with this architecture: a renaissance dome. In 1934, the square of the church became the zero mile marker of the city. In the 70s, it received a subway station. In the Cathedral, monuments, like the statue of *Padre Anchieta*, are present. It is also a meeting place for the unemployed. And right in front of this public area is the Cathedral, built next to *Praça João Mendes*.

This article presents some historical and architectural aspects that have led to the construction of the current mother church of the city: the Cathedral of Sé. Previous buildings are presented and the motivations of its construction, especially the architectural ones are highlighted, in order to help the enrichment of the history of the city of Sao Paulo.

KEY WORDS

Cathedral of Sé in São Paulo. Mother church. History of São Paulo. Neo-gothic architecture. Ancient structures. Renaissance dome.

A PRIMEIRA SÉ E A “VELHA SÉ”

O ponto referencial das antigas povoações católicas era a igreja matriz, a partir da qual se constituía a nova cidade. Com São Paulo, não foi diferente. Uma pequena e modesta ermida de pau-a-pique e tecida de folhas de palmito foi erguida pelas mãos dos missionários, tornando-se testemunha da fundação de São Paulo, aos 25 de janeiro de 1554. Na ocasião, foi celebrada, na humilde capela, pelo padre Manoel de Paiva, a primeira missa no alto do Piratininga. Presente e pertencente ao grupo de missionários jesuítas, estava o noviço José de Anchieta. Essa data corresponde ao dia em que a Igreja Católica celebra a conversão do apóstolo Paulo, nome que foi incorporado à região, que passou a chamar-se cidade de São Paulo.

Cronologicamente, a primeira igreja a ser erguida no planalto foi a do Colégio, seguida da Igreja de São Pedro e, somente então, surgiu a primeira Sé (NOGUEIRA, 1950). Símbolo do desentendimento do colono com o jesuíta, a matriz dos bandeirantes, a Sé, aos 7 de fevereiro de 1588, foi oficialmente reclamada pelos povoadores da vila de São Paulo à Câmara, por um termo municipal.

Em 1600, a matriz ainda não estava concluída. Assim sendo, a Câmara ordenou, na sessão de 25 de abril daquele ano, “[...] aos moradores que começassem com seus escravos, ‘as taipas da igreja’, uma vez que não havia ‘índios para esse serviço’.” (ARROYO, 1966, p. 23). As documentações oficiais de janeiro de 1632 revelam que a matriz era muito pobre, não dispunha de sino, e, no meio da igreja, havia somente um único banco, reservado aos oficiais da Câmara.

Carecem informações de sua utilização no século seguinte, mas sabe-se que, em 1741, a matriz encontrava-se arruinada, nem sequer permitindo a celebração de ofícios religiosos em seu recinto. Finalmente, em 1744, foi demolida, por se achar em perigo de ruína, como atesta o trecho:

Tudo estava a indicar anos de provação e pobreza, a contrastarem com a descoberta do ouro, as ambições de prear o escravo índio a entrechocarem-se com as bulas pontificias, que o vedavam, sob pena de excomunhão maior. [...] findo o fenômeno social das bandeiras, a matriz que testemunhara esses fatos, não tinha mais razão de existir. Foi demolida [...] por ordem do padre doutor Mateus Lourenço de Carvalho. (MATTOS, 1992, p. 3-4).

Começou então a ser erguida a nova matriz, aos 5 de abril de 1745, conhecida como a “velha Sé”, momento em que a cidade foi elevada a bispado. O primeiro bispo, Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, assumiu aos 8 de dezembro de 1746, festa da Imaculada Conceição (THURLER, 1956).

Figura 1: As igrejas da Sé e de São Pedro da Pedra. Aquarela de J. Wasth Rodrigues (ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL / DPH, 1999).



Figura 2: Interior da “velha Sé” (A CATHEDRAL DE SÃO PAULO, 1911(?), sem numeração de página).



A figura 1 ilustra duas das igrejas que compunham o ambiente da região central da cidade São Paulo em 1827; são a Igreja de São Pedro, ao fundo, e a Sé, à direita, ambas situadas no Largo da Sé.

Com características da época da colonização portuguesa, a Sé correspondia ao aspecto da cidade naquele tempo. Em estilo colonial, com a fachada semelhante à de uma casa de habitação, a fachada da antiga construção estava dividida em duas ordens, separadas por uma cornija: a inferior, com a grande porta, e a superior, com três janelas, e uma torre dividida em quatro ordens, coroada com uma cúpula octogonal seguida de um pináculo. Em seu interior, apresentado na figura 2, outras características arquitetônicas do período, como capela-mor com largura menor que a nave, altares laterais trabalhados, abóbadas de madeira com pinturas, beirais largos e balcões engradados.

Com a expansão da economia cafeeira a partir das últimas décadas do século 19, intensifica-se o processo de crescimento da cidade. Nesse período, São Paulo fez inversões em ferrovias, bancos e comércios; diversificou a economia e, principalmente com a chegada dos imigrantes em 1880, formou um mercado de terras, produção e consumo (FAUSTO, 2003).

A partir da proclamação da República, aos 15 de novembro de 1889, melhorias urbanas começaram a ser introduzidas no Largo da Sé, como alargamentos de ruas, calçamentos, canalização de água e iluminação pública. E as ruas, que antes tinham denominações ligadas ao período imperial, receberam novos nomes; é o caso da Rua Imperatriz, que passou a chamar-se Rua 15 de Novembro.

A cidade progredia, crescia “[...] rasgando avenidas, criando núcleos de novas aglomerações.” (LEITE, 1954, p. 10), mas a catedral defasava-se frente à cidade, que, na primeira década do século 20, já possuía 400 mil habitantes, um vertiginoso crescimento.

Assim, a antiga construção em estilo colonial, iniciada em 1745, foi demolida em 1911, a golpes de picareta, para dar espaço à atual Catedral Metropolitana.

A CATEDRAL DA SÉ – CONTEXTUALIZAÇÃO E MOTIVAÇÕES PARA SUA CONSTRUÇÃO

A ideia de substituir a “velha Sé” tem suas raízes ainda na fase imperial do Brasil. Aos 24 de maio de 1888, às vésperas de um Estado republicano, ocorreu a primeira reunião para tratar do assunto da nova matriz. Na presença do então bispo diocesano, Dom Lino Deodato de Carvalho, foram definidos os cargos e nomes da mesa e ainda constituídas as comissões auxiliares, relativas à loteria e aos donativos. Quase um ano depois, aos 19 de maio, confirmou-se, por unanimidade, o estilo gótico para a catedral, com o projeto encomendado ao engenheiro-arquiteto Maximiliano Hehl.

Formado pela Escola Politécnica de Hannover, o alemão Maximiliano Hehl, nascido em 1861, somente chegou ao Brasil em 1888, incentivado por seu irmão Rudolf, também engenheiro, para trabalhar durante dois anos como membro da equipe de engenheiros da estrada de ferro Bahia - Minas. Passou a viver em São Paulo, mas foi somente em setembro de 1896 que Maximiliano Emílio Hehl

ingressou, como professor substituto, na Escola Politécnica, onde teve a oportunidade de lecionar disciplinas como História da Arquitetura e Estudos dos Estilos Diversos, no curso de engenheiro-arquiteto.

No Largo da Sé, na confluência do famoso “triângulo” formado pelas ruas 15 de Novembro, Direita e São Bento, a “velha Sé” foi demolida, em 1911. Iniciava-se o grande desafio de construir uma catedral que representasse o desenvolvimento do “[...] *Estado mais próspero e rico da União*” (PINTO, 1930, p. 22).

Vale ressaltar que o título de arquidiocese foi concedido em 1908, período de vertiginoso crescimento econômico e populacional da cidade; nesse contexto, o primeiro arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo e Silva, em 1911, mobilizou seus conterrâneos, para que a ideia de uma nova catedral se concretizasse.

Apesar de a ideia de um novo templo ter surgido no final do século 19, o passo definitivo para o início da construção da nova catedral em estilo gótico surgiu de uma reunião com autoridades estaduais e municipais e pessoas de alta representação social, aos 25 de janeiro de 1912, convocada na sede episcopal, o Palácio São Luiz, pelo Arcebispo metropolitano, Dom Duarte Leopoldo e Silva, que em discurso afirmou:

[...] Nós, católicos e paulistas, queremos uma catedral que seja uma escola de arte e estímulo a pensamentos mais nobres e elevados; queremos uma catedral opulenta, que, testemunhando a fartura dos nossos recursos materiais, seja também um hino de ação de graças a Deus Nosso Senhor. [...] Arcebispo Metropolitano, 25 de Janeiro de 1912. (THURLER, 1956, p. 11)

Na ocasião, o Arcebispo metropolitano nomeou uma Comissão Executiva, encarregada de dirigir as obras do novo templo. Presidida pelo Conde de Prates, esta comissão compunha-se de senhores da alta sociedade com influências políticas e de alto poder aquisitivo - condes, doutores, barões e coronéis. Entre as principais questões a serem administradas, estavam o local, os recursos e o projeto do templo (MATTOS, 1992).

Como a “velha Sé” foi demolida em 1911, cogitou-se em construir a nova Sé no mesmo local, no entanto o templo foi recuado em seu alinhamento, para coincidir com o da travessa da Sé, permitindo a existência de um logradouro público em frente a sua fachada principal.

Pinto (1930, p. 17) relata terem sido demolidos “[...] *todos os prédios que ocupavam os quarteirões entre as ruas Marechal Deodoro e Capitão Salomão e os largos da Sé e João Mendes [...]*”, para, nesta nova área, serem construídos os edifícios da Câmara Municipal e do Governo do Estado, além da nova Sé, conforme plano urbanístico do centro cívico da cidade de São Paulo, projetado pelo arquiteto francês Joseph-Antoine Bouvard, em 1911, a pedido da Câmara Municipal de São Paulo.

Entretanto, conforme afirma Pinto (1930, p. 17), esta disposição não proporcionaria “*as dimensões que estava naturalmente a exigir a mais importante praça central de São Paulo*”, como tampouco forneceria ao templo a melhor localização para que evidenciasse sua estrutura. Esta situação exigiu modificações no plano de obras do centro cívico de Bouvard. Apesar de já dispostos os

alicerces do Paço Municipal, na reformulação de seu projeto, o arquiteto francês procurou privilegiar as melhores localizações para os edifícios da nova Catedral, do Congresso, do Palácio do Governo e da Justiça, do Paço Municipal e, ao mesmo tempo, a criação de espaços livres com vegetação. Com isso, a atual Catedral da Sé não foi construída no local em que estava a “velha Sé”, tendo esse espaço sido ocupado por uma praça, em 1934. Deste modo, no marco zero da cidade, na Praça da Sé, permaneceu a catedral de São Paulo, e sua face posterior ficou voltada para a Praça João Mendes.

Finalmente, aos 6 de julho de 1913, as obras foram inauguradas, com uma cerimônia segundo as prescrições do Pontifical Romano, acompanhada pelo lançamento da pedra fundamental pelo arcebispo Metropolitano, Dom Duarte Leopoldo e Silva. Estavam presentes os membros do clero, inclusive o cabido - conjunto dos clérigos da futura catedral -, o reitor e os professores e alunos do Seminário Provincial, membros do Governo do Estado, da Magistratura, Câmara Municipal, Comissão Executiva das obras e parte da população da cidade (PINTO, 1929).

A Catedral da Sé começou a ser construída, e a primeira previsão de inauguração foi projetada para as comemorações do Centenário da Independência, em 1922. Mal sabiam seus idealizadores que sua construção encontraria muitas barreiras, essencialmente de ordem econômica, e que sua inauguração só se daria quase meio século depois, após 41 anos, por ocasião do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo, em 1954.

A cripta foi inaugurada aos 16 de janeiro de 1919, com a celebração de uma missa, a primeira na Catedral. Em 1922, para a comemoração do Centenário da Independência brasileira, celebrou-se uma missa, realizada pelo arcebispo Dom Duarte Leopoldo e Silva, na porta da Catedral, sobre a escadaria da igreja em construção, diante da Praça da Sé (MATTOS, 1992).

A escassez de recursos continuava a influir no andamento das obras. Foi então que, com o incentivo do arcebispo de São Paulo, em 1927, iniciou-se uma intensa campanha para arrecadação de fundos, no intuito de acelerar as obras do templo. Os trabalhos na Catedral da Sé, em 1931 e em 1932, prosseguiram, ora em ritmo lento, ora em ritmo acelerado, dependendo sempre dos recursos disponíveis.

Em 1936, os pilares que sustentam a cúpula estavam em fase de finalização, e os primeiros arcos começaram a ser executados. Cinco dos oito pilares que sustentam a cúpula e seus respectivos capitéis foram totalmente concluídos, cinco anos mais tarde.

Em 1941, por resolução da Comissão Executiva, José Carlos de Macedo Soares foi incumbido de supervisionar o estudo sobre os vitrais. Os desenhos ficaram a cargo do artista paulista José Wasth Rodrigues, e a execução, de Conrado Sorgenicht.

Em 1950, faltavam o piso, os altares, a decoração interna, parte do telhado, finalizar as duas grandes torres, executar os torreões, os parapeitos e, sobretudo, a cúpula. A Catedral da Sé foi inaugurada inacabada, com suas torres frontais finalizadas somente em 1967.

Uma prova da importância desse local são as manifestações populares que sucessivamente lá se realizaram. Algumas delas destacam-se por sua relevância social, política e religiosa. A Catedral, antes mesmo de ser inaugurada, foi

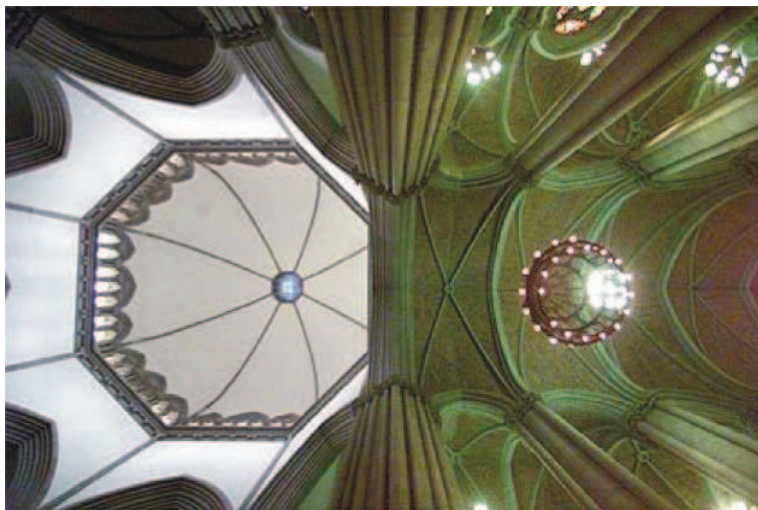
testemunha da expressão do povo. Ainda no começo da construção, em 1914, o terreno destinado ao logradouro público já recebera o comício de Primeiro de Maio, organizado pelos sindicatos. Um ano mais tarde, houve manifestações contra a Primeira Guerra Mundial. Em 1922, na catedral em obras, foi celebrada uma missa em comemoração ao Centenário da Independência. Em 1945, houve um ato público pela democratização do País.

Após sua inauguração, a Praça da Sé e sua catedral continuaram a presenciar fatos marcantes na sociedade brasileira; entre eles, destaca-se o ocorrido em 1984, ano em que foi realizado um grande ato público, com a presença de 300 mil pessoas, em favor das Diretas Já. No mesmo ano, aos 24 de abril, milhares de pessoas concentraram-se na praça, antes de se dirigirem ao Vale do Anhangabaú, local em que um milhão de manifestantes se reuniram pelo mesmo motivo: a democratização do País.

Figura 3: Catedral da Sé de São Paulo (DACIOLE, 2008)



Figura 4: Cúpula e teto da nave central (FOLHA ONLINE: site. A nova Catedral, 2002, il. 4).



O POLÊMICO ESTILO ARQUITETÔNICO

A Catedral da Sé de São Paulo possui 111 metros de comprimento e 46 metros de largura. Em sua Arquitetura, predominam arcos e abóbadas pontiagudas, esbeltos pilares, arcobotantes e contrafortes.

Apresenta estilo gótico adornado por elementos da cultura brasileira, ambiente que é interrompido por um espaço octogonal coroado por uma cúpula renascentista, como mostram as figuras 3 e 4.

A presença do ecletismo, que se instaurou no Brasil no final do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, talvez tenha influenciado a concepção arquitetônica de Maximiliano Hehl.

O termo ecletismo, que foi introduzido pelo alemão Johann Joachim Winckelmann, no século 18, inicialmente foi associado a uma arquitetura sem originalidade; mas, um século depois, já indicava uma arquitetura sincrética, a refletir os anseios da classe burguesa, como o conforto e o progresso (DIAS, 2008). Essa tendência procurou reunir os diversos estilos arquitetônicos, sendo possível, a construção de uma catedral gótica com elementos de outros estilos. Além disso, é possível observar peculiaridades de um “gótico à brasileira” presentes na igreja, como os adornos, o mobiliário de jacarandá da Bahia, o granito nacional, e cenas da catequese jesuítica esculpidas junto à pia batismal. Sim, “gótico à brasileira”, pois, mesmo desenvolvida sob os traços do gótico tradicional, apresenta características regionais próprias, a destacar fatos históricos e aspectos culturais.

Na fachada principal da Catedral, os elementos da flora e da fauna brasileira ornaram o templo, sobretudo nos capitéis e no portal ogival. Representam os elementos brasileiros, o café, o cacau, o milho, o trigo, o maracujá, o caju, a orquídea e a videira, ao lado do tatu, do tucano, do lagarto, da garça, do mico, do sapo-boi e do papagaio. A rigidez do granito nacional está presente na Catedral, simbolizando “*a alma dos audaciosos bandeirantes, intrépidos e fortes, que atravessaram florestas e rios e dilataram o Brasil [...]*” (LEITE, 1954, p. 13).

Todos esses argumentos combatiam uma das principais críticas feitas ao estilo gótico na Catedral da Sé, por sua pouca representatividade quanto às tradições brasileiras. A impressão de “cópia vil de estranhas Arquiteturas”, como declarou Afonso Arinos, na conferência da Sociedade de Cultura Artística, em 1915, era amenizada pelo caráter peculiar do projeto, uma catedral gótica à brasileira.

A decisão, tomada pela Igreja, de construir a nova matriz de São Paulo em estilo gótico gerou discussões na sociedade, afinal, devia-se entender o porquê da escolha deste estilo.

A atual cidade de São Paulo, economicamente desenvolvida, não gozou dessa situação até fins do século 19. Desde sua fundação, em 1554, esteve longe do desenvolvimento alcançado por muitas outras regiões brasileiras, como Pernambuco, Bahia, Paraíba, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Com a descoberta de ouro em Minas Gerais, muitos bandeirantes fundaram vilas prósperas naquela região, tornando-se, o ambiente, propício ao desenvolvimento das artes, com destaque para o barroco brasileiro.

A questão é entender o porquê de o barroco, tão difundido nessas regiões de prosperidade econômica, não ter-se tornado uma opção interessante, quando,

a finais do século 19, decidiu-se o estilo da nova catedral de São Paulo, cidade que nesse período começava a gozar dos frutos do ciclo do café.

Realmente, a partir da segunda metade do século 19, a exportação do café e o surgimento das primeiras indústrias alavancaram a economia de São Paulo. A sociedade paulista pensara em demolir aquela velha Sé colonial e construir uma nova catedral, mas não foi a plenitude do barroco a cogitada para o novo templo.

Por razões de ordem econômica, o barroco paulista deu-se de modo muito simples, se comparado com o esplendor encontrado em outros Estados brasileiros. “*Em virtude da pobreza da cidade, nenhum grande artista dirigia-se para esta região. Por isso, as imagens são rústicas, primitivas. Geralmente feitas em barro cozido, trazem a marca do artista popular: a simplicidade e a ingenuidade.*” (SANTOS, 2002, p. 203).

A Missão Francesa chegou ao Brasil em 1816 e influenciou gradativamente a Arquitetura brasileira, até que, no final do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, as construções já substituíam o barroco por linhas neoclássicas, acompanhadas do Ecletismo e do Art Nouveau, ambos tendências europeias. Havia, portanto, um contexto econômico e cultural, de fortalecimento do neoclassicismo e combate ao barroco, que descartava o estilo colonial como opção para a nova matriz da cidade de São Paulo.

No entanto, a Catedral da Sé não é barroca, mas também não é neoclássica, e sim neogótica, afinal há de se ressaltar que a Igreja, encomendante do projeto, idealizava um estilo arquitetônico fiel a suas tradições históricas, presentes em muitas catedrais europeias, e, nessas condições, o gótico representava o cume na escala de estilos, afirmou Albuquerque (1929).

O estilo do templo e toda sua decoração foram associados à riqueza e ao desenvolvimento dos novos tempos pelos quais a cidade de São Paulo passava; a Catedral procurou acompanhá-la:

A opulência brasileira está largamente representada nesta catedral, a dominar a cidade tumultuosa, que vai se pejando de arranha-céus, interceptando as verdes paisagens das montanhas, e fechando os horizontes, e escurecendo a púrpura dos nossos crepúsculos. A floresta de granito é algo de glorioso [...] (LEITE, 1954, p. 15).

Assim, em São Paulo, não havia mais sentido em construir a Catedral da Sé vinculada a um estilo preso aos vestígios da colonização. Surgia uma igreja com traços góticos, influenciada pelo ecletismo e adornada por elementos da flora e da fauna brasileira, aspectos estes que afirmaram o nacionalismo e a nova condição de República.

O conceito da beleza artística, associado intensamente aos ideais de uma atmosfera religiosa, foi um argumento muito explorado pelos defensores do estilo gótico, desde o simbolismo, até os elementos ornamentais dessa forma de edificação, a começar pela própria ogiva: “[...] parece representar duas mãos postas, na serena atitude da prece [...]” e a terminar pelas “[...] flechas agudas, varando os céus como condutores de pensamentos e dos ideais das almas crentes, nos transportes sublimes da fé [...]” (COMISSÃO EXECUTIVA DA NOVA CATEDRAL DE SÃO PAULO. Relatório n. 3 - 1915, 1916, p. 11).

Perante a miscelânea de estilos e adornos, este ecletismo evidenciava diversidade de povos a formar a cidade paulista, mostrando uma face da

Arquitetura da época sob influências europeias - o gótico e a cúpula renascentista, no caso -, mas que, ao mesmo tempo, buscou uma caracterização própria, ao inserir adornos brasileiros na catedral da cidade.

Nos capitéis dessas colunatas abrem-se as nossas flôres brasileiras. É a samambaia que se entrelaça indolente. É o maracujá, mostrando a beleza mística dos instrumentos da Paixão. É a aveludada, a macia, a etérea orquídea, agora incrustada na pedra - lembrando a riqueza de nossas selvas. É o caju, na sua polpa sumarenta. É o café, na sua pompa de riqueza. (LEITE, 1954, p. 13)

Outro elemento estrutural muito polêmico foi a construção de uma cúpula de concreto armado em meio a uma catedral essencialmente em estilo gótico. Esta foi erguida, defendida por aqueles que pregavam a não rigidez na unidade estilística e, para a confirmação desse conceito, lembravam aquilo que havia ocorrido em Florença, quando Brunelleschi construiu uma cúpula sobre a igreja gótica de *Santa Maria del Fiore*.

Um dos próprios engenheiros que conduziram as obras da catedral, afirmava que enxergava a cúpula como o evoluir do estilo, “*uma visão de arte*”. E acrescentava: “*Criticar a existência da cúpula em uma catedral gótica da época do aço e do cimento armado, seria exigir do notável arquiteto que a delineou o simples papel de copista; seria aplaudir a reprodução de modelos medievais [...]*”. (ALBUQUERQUE, 1929, p. 35).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

São mais de cem anos, desde que foi lançada a pedra fundamental da Catedral de São Paulo, pelo Arcebispo Dom Leopoldo e Silva, aos 6 de julho de 1913.

A construção tem importância histórica para a cidade, uma vez que é mais uma das edificações que refletem as mudanças pelas quais São Paulo passou, principalmente ao final do século 19 e início do 20.

O projeto do engenheiro-arquiteto alemão Maximiliano Hehl, concebido essencialmente em estilo gótico, apresenta, em sua Arquitetura, a presença de uma cúpula renascentista e, sobretudo, de elementos nacionais, que tornam esta igreja com um estilo peculiar, um “gótico à brasileira”.

A presença do ecletismo, que se instaurou no Brasil no final do século 19 e nas primeiras décadas do século 20, talvez também tenha influenciado a concepção arquitetônica de Maximiliano Hehl, em meio à demanda de uma catedral gótica, por parte da comissão responsável pela obra. Assim, não seria de se estranhar uma catedral predominantemente gótica com elementos renascentistas, adornada com referências da flora e da fauna brasileiras.

A população paulista tem enorme apreço pela Catedral da Sé e pela praça em que se situa, sendo, este conjunto, um dos mais marcantes e um dos maiores símbolos da cidade. Uma prova da importância desse local são as manifestações populares que sucessivamente lá se realizam.

Apesar de todas as polêmicas surgidas no passado, estes fatos já não são atualmente tão relevantes para a população da cidade, que tem um grande

respeito pela igreja como templo, como construção e, sobretudo, por seu significado social. Assim, o papel da Catedral da Sé na cidade de São Paulo está no diálogo constante com a sociedade, na interação com a realidade histórica, política, social, cultural e urbanística da região.

REFERÊNCIAS

- A CATHEDRAL de São Paulo. São Paulo: [s.n], [1911 - ?].
- ALBUQUERQUE, Alexandre. *A Cathedral de São Paulo*. São Paulo: Melhoramentos, 1929. 31 p.
- ARQUIVO HISTÓRICO MUNICIPAL/DPH. *Aquarelas de J. Wasth Rodrigues*. Prefeitura de São Paulo. Arquivo Histórico Municipal/DPH. 1999. Disponível em: <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura/patrimonio_historico/0001/galeria_sp_aquarela/>. Acesso em: 12 abr. 2004.
- ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo*. São Paulo: Brasiliana, 1966. 322 p.
- COMISSÃO EXECUTIVA DA NOVA CATEDRAL DE SÃO PAULO. Relatório n. 3 - 1915. São Paulo: TVP Cardozo Filho & Comp., 1916. 21 p.
- DACIOLE, Leonardo. Fotos do Brasil. *Catedral da Sé*. Disponível em: <<http://www.fotosdobrasil.fot.br/Sudeste/SaoPaulo/CatedralDaSe.htm>>. Acesso em: abril de 2008.
- DIAS, Pollyanna D'Avila. O século XIX e o neogótico na Arquitetura brasileira: um estudo de caracterização. *Revista Ohun*. n. 4, p. 100-115, 2008. Disponível em: <http://www.revistaohun.ufba.br/pdf/Polyana_DAvila.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2014.
- SANTOS, Maria das Graças Proença. *História da arte*. 16 ed. São Paulo: Ática, 2002. 279 p.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 2003. 688 p.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *A nova Catedral. Catedral da Sé*. Galeria de Imagens. Foto: Rogério Cassimiro. 2002. (il. 4). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2002/catedraldase/>>. Acesso em: 24 abr. 2003.
- LEITE, Monsenhor Manfredo. *A Catedral de São Paulo*. São Paulo: Elvino Poci, 1954. 17 p.
- MATTOS, Monsenhor Sylvio de Moraes. *A nova Catedral de São Paulo*. São Paulo: Arquidiocese de São Paulo, 1992. 156 p.
- NOGUEIRA, Amadeu. *História da Catedral de São Paulo*. Revista *Paulistana*. n. 37. São Paulo: Clube Piratininga. nov./dez. 1950. p.14-17.
- PINTO, Adolpho. *A Cathedral de São Paulo*. São Paulo: Arquidiocese de São Paulo, 1929. 21 p.
- PINTO, Adolpho. *A Cathedral de São Paulo*. São Paulo: Empresa Graphica da Revista dos Tribunaes, 1930. 126 p.
- RAMIREZ, Karen Niccoli. *Análise do comportamento estrutural da Catedral da Sé de São Paulo: aspectos históricos, arquitetônicos e estruturais*. 2010. 223p. Tese (Doutorado) - Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.
- RAMIREZ, Karen Niccoli. *Catedral da Sé de São Paulo: aspectos históricos, arquitetônicos e estruturais*. 2005. 167p. Dissertação (Mestrado) - Escola Politécnica, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- THURLER, Monsenhor José. *Guia da Catedral Metropolitana de São Paulo*. São Paulo: Arquidiocese de São Paulo, 1956. 153 p.

Nota do Editor

Data de submissão: Agosto 2013

Aprovação: Fevereiro 2014

Karen Niccoli Ramirez

Doutora e mestre pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Engenheira civil pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Atualmente é professora dos Departamentos de Engenharia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, da Universidade Presbiteriana Mackenzie e da Universidade Nove de Julho.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Faculdade de Ciências Exatas e Tecnologia
Rua Marquês de Paranaguá, 111, Consolação
01303-050 - São Paulo, SP, Brasil
(11) 3124-7212
kniccoli@gmail.com
karen.ramirez@usp.br

Henrique Lindenberg Neto

Engenheiro civil, mestre e doutor pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo, na qual é professor do Departamento de Engenharia de Estruturas e Geotécnica.

Escola Politécnica da Universidade de São Paulo
Departamento de Engenharia de Estruturas e Geotécnica
Avenida Professor Almeida Prado, Trav. 2, 83
05508-070 - São Paulo, SP, Brasil
(11) 3091-5681
henrique.lindenberg@poli.usp.br